

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas.).

150. CURSO DE BANDEIROLOGIA

Em 1946, portanto há quarenta anos, sendo interventor federal em São Paulo o embaixador Macedo Soares, promoveu o Governo Estadual um "Curso de Bandeirologia", ministrado por expressivas figuras das letras históricas do País: Afonso de Taunay, Virgílio Corrêa Filho, Sérgio Buarque de Holanda, Alfredo Ellis Júnior, Afonso Arinos de Melo Franco, Joaquim Ribeiro, Tito Lívio Ferreira, Sérgio Millet, Félix Guisard Filho e Paul Vanorden Shaw. Da organização do curso encarregou-se Honório de Sylos, então diretor do Departamento Estadual de Informações. Recordo-me da excelente receptividade desse curso, num momento bastante significativo de nossa História.

O importante a registrar, no caso, é que o próprio Governo do Estado, meses depois, promoveu a publicação de um belo volume, ilustrado por Belmonte, grande caricaturista e também dedicado pesquisador da história paulista, contendo seis das dez conferências de que constou o curso. Faltou ao volume uma nota introdutória, prefácio ou coisa similar (e ninguém melhor que Honório de Sylos para o fazer) informando sobre a natureza, o programa e os objetivos do curso e, ainda, uma nota sobre os conferencistas, pessoas muito conhecidas na época, não há dúvida, mas, em alguns casos, menos lembradas pelos pósteros. Foi uma pena que não se publicassem todas as conferências. Não sei se seus autores não as escreveram ou se ficaram propositalmente para um segundo volume, que, neste caso, não chegou a sair.

A verdade é que, embora tendo apenas quarenta anos, o **Curso de Bandeirologia** tornou-se livro bastante raro, pois sua tiragem foi limitada e a distribuição restrita. Nele se inserem as seguintes conferências: "O bandeirismo e os primeiros caminhos do Brasil" (Taunay); "O bandeirismo na formação das cidades" (Corrêa Filho); "O bandeirismo na economia do século XVII" (Ellis Júnior); "A sociedade bandeirante das Minas" (Afonso Arinos); "Problemas fundamentais do folclore dos

bandeirantes” (Joaquim Ribeiro) e “As monções” (Sérgio Buarque de Holanda).

Graças à atenção de Honório de Sylos, posso informar os títulos das que não foram publicadas: “Os últimos bandeirantes” (Tito Lívio Ferreira); “Vida e morte do bandeirante” (Milliet); “Os bandeirantes no Vale do Paraíba” (Guisard) e “O bandeirismo e as grandes revoluções modernas” (Shaw).

Dos dez conferencistas, apenas dois sobrevivem: Tito Lívio Ferreira e Afonso Arinos; e sobrevive também, para alegria nossa, o organizador do curso, Honório de Sylos, meu querido amigo e confrade da Academia Paulista de Letras. Como seria bom se as conferências que permaneceram inéditas pudessem ser encontradas, para que delas se fizesse uma publicação ou em avulso ou em alguma das revistas culturais que circulam em São Paulo ! (1-10-1986)

*

151. REBUSCANDO O PASSADO BOTUCATUENSE

É sempre um prazer a leitura de uma história de cidade que não se preocupe apenas com o nome do fundador ou a data da fundação da mesma. Quantos e quantos volumes não fazem outra coisa, não levando, no mais das vezes, a nada. Sem desprezar tais elementos, pois, afinal, eles têm sua importância, Hernani Donato demonstrou em seu livro sobre a história de Botucatu (sua terra natal) que, na crônica de uma cidade há coisas bem mais importantes. Talvez seu livro peque pelo excesso de informações. Todavia, bem pensando, elas não são supérfluas. O autor as colocou numa seqüência que nos permite conhecer o processo de evolução da cidade. Particularmente quando se percebe que elas servem ao “cotidiano” — um dos pontos fracos da história urbana brasileira. Poderia, ainda, tal soma de informações cansar ao leitor que não conheça a cidade. Não a mim, que a conheço, tendo dela até uma certa vivência. A falta que senti, isto sim, foi de uma planta da cidade, que me permitisse localizar logradouros a toda hora mencionados.

Pondo de lado a maneira agradável com que Hernani Donato escreve, o que não é novidade para quem conhece sua obra, há, em seu livro, duas coisas que particularmente merecem atenção, pois representam pontos altos do ponto de vista historiográfico. Primeiro: a indicação precisa e correta das fontes. Este é, como já tenho feito sentir em diversas oportunidades, o ponto fraco da historiografia brasileira, sobretudo a mais antiga. Partia o historiador do princípio de que todo mundo tinha obrigação de acreditar no que ele escrevesse. A este respeito, a historiografia moderna vai para o extremo oposto, sendo rigorosa talvez até em excesso

quanto à citação das fontes. O que não impediu que, não faz muito, um conhecido historiador me respondesse a uma crítica que lhe fiz sobre a falta de fontes em seu livro: “Vê lá se eu sou bobo de indicar as fontes que utilizei; os outros que procurem, como eu procurei”. Hernani Donato não se importou de ser “bobo”... Não escondeu nada. Quando se refere a documentos do Arquivo do Estado, por exemplo, desce a pormenores, com a indicação até do número da lata ou do maço onde eles podem ser encontrados. Grande lição ! Segundo: o título. Hernani resistiu à tentação de dar ao seu livro título que parecesse definitivo. Quantos por certo o chamariam “História de Botucatu”. Nosso autor chamou-o modestamente **Achegas para a História de Botucatu**. Alguém já escreveu que, no Brasil, dificilmente um livro deveria chamar-se “História” disto ou daquilo, mas sempre “Subsídios”, “Achegas”, “Contribuições”, ou coisa parecida, para a história que um dia certamente poderá ser escrita em caráter definitivo. Mas isto, só quando superarmos de vez a fase das pesquisas arquivais que ainda nos impedem digamos a última palavra sobre qualquer coisa.

A registrar-se a bela apresentação do volume, bastante ilustrado, numa coedição da Prefeitura da Cidade e do Banco Sudameris do Brasil (14-1-1978).

*

152. LEGISLATIVO INTERESSADO EM CULTURA

Infelizmente não se trata do nosso. Nem do municipal, nem do estadual. O Legislativo interessado em cultura a que me refiro é o do Estado de Santa Catarina, que se decidiu a promover extenso programa editorial constante, até agora, de nove volumes, versando sobre temas catarinenses, notadamente relativos à história daquele Estado. Tive o privilégio de recebê-los por gentileza do senhor deputado Stelio Boabaid, presidente da Assembléia Legislativa, que m'os enviou por indicação do prezado amigo e confrade professor Walter F. Piazza, da Universidade Federal de Santa Catarina e atuante historiador, autor de numerosas obras sobre a história de seu Estado, duas das quais integrando a coleção que me apraz registrar: **Dicionário político catarinense** e **O Poder Legislativo catarinense**. Para a primeira, obra de vulto, contou Piazza com a colaboração de diversos historiadores para as exaustivas pesquisas que o livro certamente demandou.

É com prazer que registro os outros volumes: **Breve notícia sobre o poder legislativo em Santa Catarina: suas legislaturas e legisladores, de 1835 a 1974**, de Oswaldo R. Cabral; **Integração: estudos sociais e históricos sobre Joinville**, de Carlos Gomes de Oliveira; **A pirita humana: os mineiros de Criciúma**, de Terezinha G. Volpato (sobre as condições de vida dos trabalhadores das minas do Sul do Estado); **A Guerra do Contes-**

tado: a organização da irmandade cabocla, de Marli Aurias; **O Senador Lufs Delfino, sua vida e sua obra**, de Ubiratã Machado, volume comemorativo do sesquicentenário do nascimento do grande poeta e político catarinense; **Um Estado entre as duas Repúblicas**, de Carlos Humberto Corrêa (sobre as conseqüências da Revolução de 1930 em Santa Catarina).

Finalmente, a **Ilha de Santa Catarina**. Trata-se de segunda edição de volume aparecido em 1979 e que, parece, foi a primeira obra lançada neste programa editorial da Assembléia Legislativa daquele Estado. Volume bastante precioso, reunindo relatos sobre a Ilha de Santa Catarina de viajantes estrangeiros dos séculos XVIII e XIX. A seleção foi organizada por Paulo Berger, grande especialista em viajantes estrangeiros no Brasil. Reúne depoimentos de vinte viajantes que estiveram naquela Ilha. Volume fartamente ilustrado, inclusive com fac-similes dos frontispícios de todas as obras (raríssimas) donde os excertos foram extraídos.

Eis o belo programa editorial magnificamente cumprido pela Assembléia Legislativa de Santa Catarina. Como seria bom se todos os legislativos estaduais (e mesmo municipais) tivessem idêntico interesse pelos aspectos culturais de seus Estados ou municípios, ao que revelou o de Santa Catarina com relação ao passado da simpática terra "barriga-verde". (18-2-1987)

153. O ÚLTIMO LIVRO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

O saudoso Sérgio Buarque de Holanda sempre se mostrou fascinado pela história da conquista e ocupação do Oeste do Brasil. Demonstrou-o em alguns dos seus trabalhos mais importantes. Não só em **Monções**, como nos ensaios que reuniu para o volume **Caminhos e Fronteiras**. Sobre o tema estava escrevendo trabalho que tudo indicava seria de vulto, quando o abandonou para atender a outros compromissos. E acabou deixando-o inacabado quando a morte o colheu em 1982. Nem sequer teve oportunidade de concluir um capítulo, ficando truncada a última frase.

Bem andou a família do saudoso mestre confiando a José Sebastião Witter os originais do que veio a ser, assim, seu último livro, publicado apenas no ano passado, quatro anos após o falecimento do autor. José Sebastião Witter, que tão bem conheceu Sérgio e por quem demonstrou sempre enorme carinho, desvelou-se em cuidados extremos na revisão do livro, sugestivamente intitulado **O Extremo Oeste** (São Paulo, Brasiliense). Consta de dois grandes capítulos: "Caminhos do Extremo Oeste" e "A conquista do Extremo Oeste". A necessidade de proceder à revisão do texto, levou Witter a se referir, no prefácio, a um dos traços curiosos da personalidade do grande historiador: o cuidado com que ele revia seus escritos, sempre à procura de uma forma mais adequada, mais clara, mais consoante com aquilo que ele de fato queria dizer. Não era simples preocu-

pação de perfeccionismo. Não. Witter o diz bem: “Se por um lado existe em Sérgio a perspicácia, a sutileza e a agudeza de percepção sempre reveladora, por outro está o rigor do estilista, que busca e rebusca até encontrar a melhor forma de apresentar, com propriedade, aquilo que encontrou nos documentos”.

Informa o prefaciador que Sérgio certamente faria mais algumas revisões, antes de entregar o livro à publicação. Mas não as fez. É ainda Witter quem nos dá conta de sua tarefa: “Era meu desejo não alterar nada, contudo foi necessária a intromissão na obra do mestre para evitar algumas repetições de palavras, que ele jamais faria e também em alguns pontos onde o argumento provava que o documento usado não fora corretamente transcrito. O próprio mestre, com sua precisão de pesquisador, permitiu a retomada da fonte e a correção precisa.” E cita vários exemplos das correções a que se viu obrigado a proceder.

Não se sabe o que mais o autor pretenderia acrescentar ao volume. Não importa. Vale-nos — e muito — saber que, com esta edição, conforme lembra Witter, “a obra deixa de ser acessível a poucos para atingir a muitos”. E graças a uma edição conjunta da Brasiliense com a Secretaria Estadual de Cultura, cujo titular, Jorge da Cunha Lima, dispôs-se a escrever bonita página de apresentação do livro em tão boa hora editado. (25-2-1987)

*

154. UMA REVISTA DE HISTÓRIA DA ECONOMIA

Há mais de trinta anos, precisamente em junho de 1953, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo lançava o primeiro número de uma preciosa **Revista de História da Economia Brasileira**, cerca de 150 páginas reunindo, além de excelente colaboração, ainda seções de documentos e resenhas bibliográficas. Pela direção, respondia Jorge Martins Rodrigues, ele próprio autor de um dos trabalhos constantes do volume, sobre a rivalidade comercial de ingleses e norte-americanos no Brasil no século passado, assunto na época pouco estudado e que estimularia posteriormente o aparecimento de trabalhos mais desenvolvidos, como, entre outros, o de Antônia Fernanda de Almeida Wright, com o sugestivo título de **O desafio americano**.

Outros capítulos constantes da revista: “Tendências e características gerais do comércio exterior no século XIX”, de Hélio Schlittler Silva; o do “brazilianist” Stanley J. Stein sobre a lavoura de café no Vale do Paraíba; o de Miguel Costa Filho sobre o açúcar em Minas Gerais; o de Heitor Ferreira Lima sobre os aspectos econômicos da Independência e o de Oliver Onody sobre a história do imposto de importação.

A seção de documentação oferecia a tradução de dois capítulos de precioso e raríssimo livro de impressões sobre o Brasil na época da Regência, de autoria de um certo Friedrich Tietz, publicado em Berlim, em 1839. Infelizmente, o tradutor nada informa sobre o autor, praticamente desconhecido e raramente mencionado pelos que se têm ocupado de bibliografia estrangeira sobre o Brasil. Apenas Rubens Borba de Moraes e Abeillard Barreto o citam, informando, o primeiro, sobre os assuntos a que mais ênfase dá em seu livro: igreja, sociedades secretas, marinha, exército, clero, instituições “feudais” no País, etc. Por sua vez, Barreto informa com pormenores dos temas relativos ao Rio Grande do Sul: Revolução Farroupilha (em franco progresso quando ele visitou o Brasil), missões, colônias alemãs, entre outros. Os dois capítulos traduzidos nesta “Revista de História da Economia Brasileira” deixam o leitor com “água na boca”, uma enorme vontade de conhecer o livro todo, até hoje não traduzido.

A preciosa revista abria suas páginas com uma expressiva homenagem a Roberto Simonsen, havia pouco falecido, e um dos pioneiros, como é sabido, dos estudos de história econômica do Brasil, autor de obra clássica, que até hoje se reedita. Lamentavelmente a “Revista” ficou no primeiro número, sem que se perceba a razão de seu não prosseguimento. Trinta anos depois, o Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo, tendo em vista o alto valor dessa publicação, houve por bem proceder a uma reedição fac-similar da mesma, reduzindo o formato, para maior comodidade de leitura. (1-4-1987)

*

155. BOM AMIGO E COMPANHEIRO (RENATO DA SILVEIRA MENDES)

Jornal da Capital registrou o falecimento, num dos últimos dias do mês passado (março), do professor Renato da Silveira Mendes. A notícia frisava sua qualidade de professor aposentado da Universidade de São Paulo. Foi pena que em seu necrológio não houvesse espaço para registrar o traço fundamental de sua vida, vem vivida, aliás, pois alcançou mais de oitenta anos. Professores aposentados da Universidade de São Paulo é o que não falta nesta terra e até quem estas linhas escreve o é. Mas, em Renato da Silveira Mendes havia algo mais. Foi ele integrante dos mais expressivos do grupo pioneiro de geógrafos que floresceu na grande universidade paulista, formado por mestres do valor de Deffontaines e Monbeig.

Conhecia-o há meio século, pois tive o privilégio de tê-lo como colega de turma no Curso de Geografia, no início da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Bom amigo e bom colega, era em sua casa, na época numa travessa da antiga Avenida Água Branca, que costumávamos nos reunir para os estudos apressados em vésperas de exames... Diplo-

mado, continuou na Faculdade como assistente e depois professor, realizando brilhante carreira.

Lembro-me bem de uma excursão que realizamos à Baixada Fluminense, nas férias de 1940 e na qual, por sinal, ele se acidentou, embora sem gravidade. No Rio, fomos cordialmente recebidos por colegas da Faculdade Nacional de Filosofia, que em breve se tornariam grandes nomes da Geografia nacional. Havia, na ocasião, um certo empenho em mostrar as obras de saneamento da Baixada Fluminense, realmente uma grandiosa obra pública, recuperando a economia e a vida humana de uma extensa região que havia mais de meio século jazia praticamente no abandono, implicando em verdadeira solução de continuidade na ocupação do solo entre o mar e a montanha.

Interessamo-nos pela Baixada e a ela voltamos várias vezes para estudos e pesquisas. Renato interessado nas transformações da paisagem e eu nos caminhos antigos que conduziam às Minas Gerais. Chegamos a planejar um livro em colaboração. Renato pensou melhor e de maneira mais prática, tomando a Baixada como tema em seu doutorado, do qual resultou uma das obras capitais da bibliografia geográfica brasileira. Quanta saudade isto me traz, recordando as muitas e muitas vezes em que discutíamos e trocávamos idéias acerca de nossos trabalhos! E não só na Baixada, mas em muitas outras regiões do Brasil, por onde andamos. Contingências da vida fizeram com que nos afastássemos, embora não nos esquecêssemos. Continuei me interessando pela sua carreira como ele, estou certo, interessou-se pela minha. A última vez em que o vi, há mais de dois anos, foi por ocasião de minha posse na Academia Paulista de Letras, aonde compareceu com a esposa e a filha. Ausente de São Paulo por ocasião de seu passamento, registro aqui minha palavra de saudade ao bom amigo. (8-4-1987)

*

156. O ENSINO DO COMÉRCIO E DA ECONOMIA

O Estado, entre nós, demorou muito a se interessar pelo ensino do Comércio e da Economia. Enquanto “Ginásios do Estado” eram criados por toda parte, não se tem conhecimento de nenhuma “Escola de Comércio” instituída pelo poder público. O ensino comercial e, depois, o das ciências econômicas (numa forma mais abrangente e sofisticada) ficou por muitos anos exclusivamente na alçada particular. Ressalte-se o trabalho pioneiro de entidades como a Academia de Comércio, de Juiz de Fora (a mais antiga do Brasil), a “Álvares Penteado”, de São Paulo ou a nossa “Bento Quirino”, pioneira, parece, no Estado de São Paulo.

A própria Universidade de São Paulo, quando de sua criação em 1934, não se interessou pelo problema. Apenas a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (a única unidade nova então criada), em seu leque

de treze ou quatorze cursos abria espaço para o estudo da Economia como uma das cadeiras do curso de Ciências Sociais, cadeira, aliás, diga-se de passagem, e para seu louvor, regida, no início, por mestres estrangeiros da envergadura de François Peroux e Paul Hugon. Este, tendo permanecido muitos anos no Brasil, pôde formar verdadeira escola, que passou a pontificar nas Faculdades de Ciências Econômicas, quando estas começaram a surgir. A própria Universidade de São Paulo só criou a sua depois de doze anos de existência. E revelou-se desde logo uma das mais ativas unidades do grande complexo universitário paulistano, o que vem provar que, de fato, estava fazendo falta uma escola dessa natureza.

Os dois belos volumes publicados, comemorando os trinta e cinco anos da hoje denominada “Faculdade de Economia e Administração”, e ao mesmo tempo o cinquentenário da própria Universidade de São Paulo, organizados e coordenados pela professora Alice P. Canabrava, tiveram como objetivo precípua justamente mostrar a atividade desenvolvida em todos os setores pela grande instituição que começou modestamente (lembro-me bem) em edifícios outrora ocupados pelo Colégio Rio Branco, à rua Doutor Vila Nova, e hoje se encontra, como, aliás, quase todas as outras unidades da USP magnificamente instalada no “campus” do Butantã, que merecidamente recebeu o nome de Armando Sales Oliveira, o grande fundador da Universidade paulistana, ainda hoje, com todos os seus problemas, a mais importante do País.

Entregue a coordenação da obra a uma renomada historiadora, que sabe como ninguém o valor dos documentos e que, para a sua empresa, solicitou a colaboração de quantos lhe pareceram tivessem o que dar, temo-la hoje com um retrato fiel e documentado de quanto produziu a Faculdade nos seus trinta e cinco anos. Não apenas os dados estatísticos, mas tudo quanto contribuiu para a organicidade e institucionalização da grande obra. Merece destaque, por ser matéria pouco comum em livros desta natureza, a preocupação em registrar todas as publicações da Faculdade em seus vários departamentos e mesmo as individuais de seus professores. (22-4- 1987)

*

157. JAPÃO: HISTÓRIA E CULTURA

É digna de todo encômio a preocupação, que há vários anos vem demonstrando o dr. José Yamashiro no sentido de divulgar, entre nós, a história do Japão e os traços mais significativos da cultura japonesa. Já me foi dada a oportunidade de me ocupar de livros anteriores do ilustre jornalista paulistano. De fato, com a **Pequena História do Japão** (1950), a **História dos Samurais** (1982) e agora sua recente **História da cultura**

japonesa (1986, Ibrasa), construiu Yamashiro um grande “portão de ingresso ao Japão, para brasileiros”, como bem o disse Benedito Ferri de Barros no prefácio que escreveu para o livro.

Ao comentar obra anterior do dr. Yamashiro, notei seu excesso de escrúpulo em advertir o leitor de que seu trabalho é de jornalista e não de historiador: um jornalista interessado em divulgar aspectos da cultura japonesa, praticamente desconhecidos entre nós. E abre este novo volume reafirmando o mesmo escrúpulo. E dentre os temas de que trata, agora, explicita este: “Precedendo à apreciação de cada período cultural, apresentamos um sucinto apanhado histórico, a fim de oferecer aos leitores não familiarizados com a História do Japão um **background** mínimo para o entendimento da evolução cultural dos japoneses”. E esta preocupação com o sentido de evolução não será, por acaso, tarefa de historiador ?

Historiador de fato, que o jornalista também soube ser, neste novo livro talvez de maneira mais incisiva que nos anteriores. O que se explica precisamente pelo seu caráter de maior preocupação com os temas culturais. E nele, tudo é novidade para nós. A visão panorâmica que o autor nos oferece das fases mais expressivas da evolução cultural do povo japonês mostra como esse povo admirável, no decorrer de sua milenar evolução, demonstrou extraordinária capacidade de preservar seus valores autóctones (e autênticos) e ao mesmo tempo introduzir e assimilar culturas estrangeiras.

O prefaciador do livro observou com propriedade: “De um ponto de vista acadêmico, não há forma mais inteligente, útil e atualizada de se escrever História” do que a empregada pelo autor neste seu novo livro. E continua: “Pensamos, assim, que, a despeito de sua intrincada despretensão, a tríade histórica dos livros de Yamashiro sobre o Japão está fadada a constituir, por tempo indeterminado e interminável, o tripé de acesso e estudo da civilização nipônica para os brasileiros, como trabalhos que o principiante não poderá ignorar e a que os especialistas permanentemente hão de recorrer para situar questões de ordem geral”. (20-5-1987).